

## **ORGANIZAÇÃO PRÁTICA DE ARQUIVO: A EXPERIÊNCIA DA DISCIPLINA NA GRADUAÇÃO EM ARQUIVOLOGIA DA UNIRIO**

**Anna Carla Almeida Mariz, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO),  
Brasil, <https://orcid.org/0000-0003-1871-0986>**

### **RESUMO**

O Curso de Graduação em Arquivologia da UNIRIO é o mais antigo do Brasil. Desde a sua criação já teve várias configurações curriculares, o que foi mudando a sua configuração e conseqüentemente do profissional que é formado ao longo destes mais de sessenta anos. Na reforma curricular de 1991, foi criada a disciplina de Organização Prática de Arquivo, comumente chamada de OPA. O trabalho tem como objetivo analisar a experiência de ensino alcançada por meio da disciplina Organização Prática de Arquivo, ministrada no Curso de graduação em Arquivologia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro desde 1991. O referencial teórico é baseado em alguns autores que trabalharam as questões de formação de profissionais para trabalhar nos arquivos. A pesquisa é de natureza exploratória e descritiva com abordagens qualitativas e quantitativas. Utiliza levantamento bibliográfico na literatura da área, e documental, no arquivo da Escola de Arquivologia da UNIRIO. Entre as técnicas de coletas de dados estão a observação e questionários. O universo estudado incluirá alunos, ex-alunos do curso bem como os professores. As experiências são muito positivas, os alunos relatam terem contato com atividades que não têm oportunidade de vivenciar em outras circunstâncias e com práticas que enriquecem a sua formação, deixando-os mais preparados para exercer a profissão.

**Palavras-Chave:** Arquivologia; Formação do Arquivista; Arquivista; Aulas Práticas.

## ***ORGANIZACIÓN PRÁCTICA DE ARCHIVOS: LA EXPERIENCIA DE LA DISCIPLINA EN LA CARRERA DE ARCHIVOLOGÍA DE LA UNIRIO***

### **RESUMEN**

La carrera de graduación en Archivología de la UNIRIO es la más antigua de Brasil. Desde su creación ha tenido varias configuraciones curriculares, lo que ha cambiado su configuración y en consecuencia el profesional que se ha formado a lo largo de estos más de sesenta años. En la reforma curricular de 1991 se creó la asignatura de Organización Práctica de Archivos, comúnmente llamada OPA. El objetivo del trabajo es analizar la experiencia docente alcanzada a través de la disciplina Organización Práctica de Archivos, impartida en la carrera de Licenciatura en Archivología de la Universidad Federal del Estado de Río de Janeiro desde 1991. El marco teórico se basa en algunos autores que trabajaron sobre la cuestión de la formación de profesionales para trabajar en archivos. La investigación es de carácter exploratorio y descriptivo con enfoques cualitativos y cuantitativos. Utiliza investigaciones bibliográficas en la literatura del área, y documentales, en el archivo de la Escuela de Archivo UNIRIO. Las técnicas de recopilación de datos incluyen observación y cuestionarios. El universo estudiado incluirá estudiantes, exalumnos del curso, así como docentes. Las experiencias son muy positivas, los estudiantes reportan tener contacto con actividades que en otras circunstancias no tienen la oportunidad de vivir y con prácticas que enriquecen su formación, dejándolos más preparados para ejercer la profesión.

**Palabras-Clave:** Archivística; Formación de Archiveros; Archivero; Clases Prácticas.

**PRACTICAL ARCHIVE ORGANIZATION: THE EXPERIENCE OF THE DISCIPLINE IN THE ARCHIVAL SCIENCE DEGREE AT UNIRIO**

**ABSTRACT**

The undergraduate course in Archival Science at UNIRIO is the oldest in Brazil. Since its creation, it has had several curricular configurations, which has changed its configuration and consequently the professional that has been educated over more than sixty years. In the 1991 curriculum reform, the subject of Practical Archive Organization, commonly called OPA, was created. The aim of the paper is to analyze the teaching experience achieved through the Practical Archive Organization discipline, taught in the undergraduate course in Archivology at the Federal University of the State of Rio de Janeiro since 1991. The theoretical framework is based on some authors who worked on the issues of academic education professionals to work in archives. The research is exploratory and descriptive in nature with qualitative and quantitative approaches. It uses bibliographical research in the area's literature, and documents, in the archive of the UNIRIO School of Archival Science. Data collection techniques include observation and questionnaires. The scope studied includes students, alumni of the course as well as teachers. The experiences are very positive, students report having contact with activities that they do not have the opportunity to experience in other circumstances and with practices that enrich their formation, leaving them more prepared to practice the profession.

**Keywords:** Archival Science; Archivist Education; Archivist; Practical Classes.

---

## 1 INTRODUÇÃO

O Curso de Graduação em Arquivologia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) é o mais antigo do Brasil e teve a sua origem no Arquivo Nacional. Foi criado como Curso Permanente de Arquivos na década de 1960, recebeu mandato universitário em 1973 e foi integralmente transferido para a UNIRIO a partir de 1977, onde funciona desde então. Desde a sua criação já teve várias configurações curriculares, tendo passado tanto por reformas quanto por ajustes curriculares, o que foi mudando a sua configuração e consequentemente do profissional que é formado ao longo destes mais de sessenta anos. Até 1996 havia a determinação legal de que fosse respeitado o Currículo Mínimo instituído pelo Ministério da Educação (MEC) em 1974. O Currículo mínimo, dada a época de sua definição, privilegiava o tratamento técnico de arquivos permanentes e pouco aprofundava questões em relação à reflexão e à pesquisa arquivística. A partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), em 1996, essa exigência

deixou de existir e os currículos de graduação em Arquivologia puderam ser mais flexíveis.

Em uma reforma curricular implementada a partir de 1991, ainda com as limitações impostas pelo Currículo Mínimo, o curso da UNIRIO aumentou seu tempo de integralização de três para quatro anos. Nesta reforma, além de aumentar a carga horária dedicada à pesquisa, foram criadas as disciplinas de Organização Prática de Arquivos I e II, com carga horária de 180 horas e 120 horas respectivamente.

Foram criadas como disciplinas a serem ministradas em períodos seguidos, o sétimo e o oitavo, sendo a primeira pré-requisito da segunda. Como conteúdo de cada uma delas, era previsto no primeiro semestre um conteúdo de organização de arquivos e deveria ser escolhido algum acervo dentro da universidade para que os alunos tivessem a oportunidade de participar de todo o processo de organização, do início ao fim. O acervo deveria ser de um tamanho adequado ao número de alunos da

turma e ao tempo disponível – um semestre letivo, para que isso fosse possível. E no semestre seguinte seriam feitas no mesmo acervo as atividades de descrição e elaboração de instrumentos de busca.

As disciplinas foram pensadas para serem ministradas em laboratórios, utilizando como material didático acervos da própria instituição. Nestas disciplinas, o aluno tem a oportunidade não só de aplicar os conhecimentos teóricos adquiridos durante o curso, mas também de desenvolver capacidade de liderança, de trabalho em equipe, entre outras, numa realidade diferenciada do estágio supervisionado. No estágio existe a figura do supervisor institucional, orientando e determinando o que deve ser feito e, em geral, o aluno passa por apenas algumas etapas do trabalho. Na disciplina de OPA, o grupo deve estabelecer as diretrizes e a metodologia para a organização de um acervo delimitado de forma a ser possível trabalhar a totalidade dos documentos, vivenciando todas as fases da organização, desde o diagnóstico/identificação até a destinação e a descrição, sob acompanhamento didático do professor da disciplina. (Mariz, 2012)

A primeira reforma curricular feita após ser promulgada a LDB, não mais com a exigência de atender ao Currículo Mínimo, foi maior e necessitou um período de amplas discussões e amadurecimento. Foi aprovada em 2006 e representou uma ruptura no ensino arquivístico

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

A formação profissional de Arquivistas no Brasil se dá por meio de cursos de graduação em Arquivologia. O Conselho Federal de Educação autorizou a criação dos cursos em 1972, em 1973 o Curso que já funcionava no Arquivo Nacional como curso técnico recebeu mandato universitário e em 1974 o MEC estabelece o Currículo Mínimo para os cursos de graduação em Arquivologia. A partir deste primeiro curso, outros cursos de Arquivologia foram sendo criados já em Instituições de

da UNIRIO até então vigente, refletindo também os anseios de mudança da comunidade envolvida: docentes, discentes, técnicos e egressos. O currículo apresentou uma maior flexibilização, com menor carga horária de disciplinas obrigatórias e um maior leque de optativas, visando dar liberdade para os alunos direcionarem a sua formação com base em suas preferências pessoais. Apresentou também um caráter mais humanista e crítico, menos técnico. Foram incluídas as atividades complementares visando enriquecer a formação por meio de atividades realizadas fora de sala de aula. Deu também uma maior importância à pesquisa, em diversas disciplinas e de várias formas. (Mariz, 2012)

Nesta reforma curricular de 2006 as disciplinas de Organização Prática de Arquivos I e II foram transformadas em uma só: Organização Prática de Arquivo – OPA, com carga horária de 120 horas, seguindo a mesma ideia das duas anteriores, mas reunindo as atividades em um mesmo semestre com a indicação de ser cursada no sétimo período letivo.

Esta disciplina é o objeto desta pesquisa. O trabalho tem como objetivo analisar a experiência de ensino alcançada por meio da disciplina Organização Prática de Arquivo – OPA, ministrada no Curso de graduação em Arquivologia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro desde 1991.

Ensino Superior. No momento são dezessete no país: dezesseis em universidades públicas (treze federais, três estaduais) e uma em instituição privada. A regulamentação da profissão de Arquivista se deu por meio de legislação em 1978.

Sobre a formação universitária na área da Arquivologia, Bellotto (2014) afirma não ter dúvidas de que é o mais importante instrumento para que a atividade, definitivamente, passe de ocupação à profissão.

E complementa que, para isso, é necessário capacitar quadros que compreendam muito bem a essência do arquivo, profissionais que entendam que é pelas estruturas, evolução, funções e atividades institucionais /organizacionais que se chega a organizar com eficácia os arquivos.

A autora destaca a importância de utilizar as atividades práticas para o ensino da profissão de arquivista:

Pouco valeria um curso que não proporcionasse ao aluno um treinamento efetivo de trabalho arquivístico de, pelo menos, cerca de 40% sobre as horas totais do curso, incluindo aulas práticas e estágios verdadeiros em situação real. Se, na maior parte das profissões, a teoria não pode prescindir da prática, na arquivologia é absolutamente vital a presença do exercício efetivo. E é preciso lembrar que treino prático não significa só folhear documentos, empilhá-los, separá-los, ordená-los e juntá-los em unidades de armazenamento, isto é, o trabalho braçal complementar aos arranjos classificatórios e às análises documentárias. O treino quer dizer o viver uma situação real de trabalho arquivístico.” (Bellotto, 2014, pp.213)

A formação do profissional não deve ser unicamente a da universidade, Bellotto aponta para a importância de complementar a formação dando ênfase a treinamentos, leituras da produção recente, contatos em congressos e visitas técnicas, enfim, maior intercâmbio entre os arquivistas.

Assim como não pode ser limitada a assuntos da área da Arquivologia. Na opinião de Thomassen (1994, apud Jardim, 1999, pp. 36):

A educação profissional deve frequentemente cruzar as fronteiras entre assuntos especializados, disciplinas tradicionais e profissões afins e entre o mundo do conhecimento e o mundo do trabalho [...] Ela não pode ser excessivamente

especializada, específica ou prescritiva.

O professor José Maria Jardim, em trabalho apresentado no X Congresso Brasileiro de Arquivologia em 1994, expôs um panorama do ensino de Arquivologia à época e sobre a opinião dos discentes detectou que, em seus depoimentos, muitos alunos tendiam a se ressentir da insuficiência dos trabalhos práticos complementares aos ensinamentos teóricos, apesar do estágio supervisionado. (1999, pp.44)

Pouco tempo depois a professora Maria Teresa Mattos empreendeu uma pesquisa com os gestores acadêmicos dos Cursos de Arquivologia nas universidades que ofereciam o curso no Brasil em 1996, na época eram quatro cursos (UNIRIO, Universidade Federal de Santa Maria – UFSM, Universidade Federal Fluminense – UFF e Universidade de Brasília – UnB). Sobre o tema das aulas práticas ela constata:

A prática arquivística não é favorecida com a presença de laboratórios especializados: o ensino é essencialmente teórico. A carga horária consagrada às aulas magistrais é muito maior do que aquela dos exercícios práticos ou dos estudos de caso. Porém, alguns professores começam a utilizar o espaço dos serviços de arquivo de suas universidades para as aulas práticas. (Mattos, 1999, pp.61)

Ela acrescenta, citando a disciplina de OPA, que naquele momento já era oferecida pela UNIRIO:

Observamos, igualmente, que, em geral, a teoria é desenvolvida separadamente da prática. Isto significa que existem disciplinas somente consagradas à prática. Por exemplo, na UNIRIO, existe a disciplina “Arquivos I” (a teoria) e uma outra “Organização Prática dos Arquivos I” (a prática). Esta não seria a causa de um ensino predominantemente teórico? Não seria mais vantajoso integrar a

teoria à prática em uma só disciplina? Na nossa opinião, isto permitiria uma evolução mais equilibrada dos conhecimentos arquivísticos. (Mattos, 1999, pp.73-74)

Na opinião da autora seria mais vantajoso que cada disciplina envolvesse uma parte teórica e uma parte prática. Porém a disciplina de OPA tem o diferencial de ter que ser ministrada em um laboratório próprio para isso ou em um setor de arquivo da Universidade. Já foi por muitos semestres realizada no Laboratório de Arquivística da Escola de Arquivologia, quando os acervos escolhidos para serem trabalhados eram levados para o Laboratório. Foi também por muitos semestres ministrada no Arquivo Central da UNIRIO, utilizando da mesma forma acervos da Universidade. Assim, aproveita-se melhor a carga horária da disciplina para a prática, já que não é tão simples conseguir estes espaços para uso didático. O que não impede que as outras disciplinas tenham também carga horária teórica e prática, como pode ser visto na grade curricular. A disciplina de OPA não é a única situação do curso em que se tem carga horária prática, porém é uma disciplina voltada apenas para desenvolver na prática o que deve ter sido absorvido em teorias nos semestres anteriores.

Após apresentar os resultados obtidos pela pesquisa, Matos apresenta recomendações visando estabelecer política para desenvolver o ensino universitário de Arquivologia no Brasil. Ela começa elencando algumas disciplinas que chama de fundamentais e que, portanto, devem ser obrigatórias, as que são direcionadas para os princípios e métodos arquivísticos e para as funções arquivísticas que permitirão a constituição, a organização e o tratamento da informação de natureza arquivística, ou seja, as noções de base necessárias a todo o profissional arquivista. Sua proposta também inclui que cada disciplina tenha uma parte teórica paralela a uma prática. As práticas seriam compostas de trabalhos de laboratório que permitiriam aos estudantes

testar as noções teóricas adquiridas no quadro das disciplinas, no intuito de assegurar a harmonização efetiva da teoria e da prática arquivística.

A autora considera que o estágio e o estudo de caso deverão ser obrigatórios, afirma que os laboratórios são essenciais para complementar a aprendizagem teórica, apesar de verificar a falta de suportes em relação aos recursos pedagógicos, como por exemplo, os laboratórios consagrados à prática Arquivística e à informática. Acrescenta que as atividades dirigidas se destinam às aplicações e intervenções da prática arquivística. Podem ser consideradas simulações que permitirão aos futuros graduandos “não apenas aplicar os conhecimentos adquiridos, mas também estar em contato com o *fazer* difundido, seja pela comunidade acadêmica, seja nos diversos setores de arquivo”. (Matos, 1999, pp.76)

Outro autor que escreve sobre o assunto das aulas práticas, porém relatando uma experiência sobre a disciplina de Estágio Supervisionado, é Renato Tarciso de Sousa. Ele narra uma experiência que teve lugar no curso de Arquivologia da UnB durante os anos de 1991 a 1993, quando existia uma grande dificuldade de campos de estágio para os alunos. A solução encontrada foi a de criar no próprio curso as condições de desenvolver atividades práticas, na organização do arquivo Carlos Lacerda. “Foram realizadas várias atividades arquivísticas nesse acervo, sempre supervisionadas pelos professores do curso. Foi possível realizar inventário sumário, proposta de classificação e descrição e desenvolver várias atividades de pesquisa” (Sousa, 1999, pp.173-174).

Esta experiência narrada por Sousa, apesar de ter sido uma solução encontrada para suprir a necessidade dos alunos em relação às disciplinas de Estágio Supervisionado, apresenta semelhanças com a experiência da disciplina de OPA ministrada no Curso de Arquivologia da UNIRIO.

O autor acrescenta que, a partir de 1994 foi utilizado como objeto de estudo para a disciplina de Estágio Supervisionado a massa documental acumulada no Departamento de Ciência da Informação e Documentação, ao qual está vinculado o Curso de Arquivologia, e que ambas as soluções encontradas pelo Curso criaram situações que reproduziram as atividades de classificação, avaliação e descrição, com acompanhamento de perto dos professores, o que raramente acontece nos estágios.

Sousa acredita que o exercício prático não pode ser limitado às atividades de estágio, mas que “a unidade entre a teoria e a prática deve perpassar todo o trabalho pedagógico: na sala de aula, nas visitas técnicas supervisionadas, nos estágios curriculares, nos laboratórios de ensino arquivístico etc.” (1999, pp.175)

O autor ainda considera que o exercício prático na formação profissional do aluno de Arquivologia é fundamental e que é imprescindível que a vinculação entre a teoria e a prática esteja presente em todos os momentos da formação profissional do arquivista, e acha importante que os cursos “criem seus laboratórios para promover simulações e experiências efetivas de trabalhos arquivísticos. O laboratório é o local ideal para o treinamento e aperfeiçoamento de professores e alunos.” (Sousa, 1999, pp. 177)

Couture, Martineau e Ducharme (1999), ao escrever sobre a formação em arquivística, mencionam a importância de se aliar a teoria à prática, referindo-se, porém, apenas aos estágios, não tratando do assunto das aulas práticas.

De um modo geral, em relação à prática no ensino da Arquivologia há mais literatura abordando os estágios do que as aulas, que não aparecem com frequência na literatura e isso se reflete também nos currículos dos cursos de graduação, sempre constando a atividade do estágio e raramente a de aulas práticas.

Marcos Masetto, especializado na área de formação de professores para o ensino superior, aponta que tradicionalmente a sala de aula é um espaço em que o professor transmite o conhecimento e o aluno ouve, copia, etc., mas lembra que existem também as aulas práticas, “ora demonstrativas – quando o professor assume um papel de mostrar como é o fenômeno –, ora de aplicação, por parte dos alunos, de conceitos aprendidos nas aulas teóricas, nos laboratórios ou em estágios” e afirma que estas são mais raras. (2001, pp.85)

O autor acrescenta que os espaços de aula que envolvem a realidade profissional do professor e do aluno, são muito mais motivadores para a aprendizagem, pois trata-se de

[...] situações reais que são complexas, exigem integração de teoria e prática, são cheias de imprevistos, exigem inter-relação de disciplinas e especialidades, desenvolvimento de competências e habilidades profissionais, bem como atitudes de ética, política e cidadania (2001, pp.86).

Assim, para Masetto o processo ensino-aprendizagem envolve entre uma série de outros fatores, que o aluno entre em contato com situações concretas e práticas de sua profissão, e da realidade que o envolve. A aprendizagem se realiza mais facilmente e com maior compreensão e retenção quando acontece nos vários ambientes profissionais, fora da sala de aula, porque coloca o aprendiz mais em contato com a realidade. (2001, pp.88)

Masetto ainda acredita que:

A formação de profissionais atualmente se pensa para além de sua formação específica. Espera-se que continue pesquisando, participe de congressos com trabalhos próprios, esteja atento aos avanços da tecnologia e seus novos instrumentos, desenvolva capacidade de gerência em diversas circunstâncias e diferentes níveis, saiba trabalhar em

equipe, inclusive com colegas de especialidade diferente da sua e mesmo com profissionais de outras áreas de conhecimento que não a sua (2009, pp.14).

As autoras Santana, Velasco e Pires (2019) enfatizam que a área das Ciências Sociais Aplicadas tem uma especificidade e um compromisso vinculados à formação de profissionais que atuarão em circunstâncias concretas, contextos específicos, problemáticas e realidades particulares em permanente transformação, com uma

[...] especificidade relacionada com as demandas do próprio exercício profissional, em contextos específicos e interação com realidades sociais localizadas em um tempo e espaço determinados e, às vezes, em permanente transformação. Assim, sua formação implica, em sua

amplidão, no exercício para a assimilação de um saber-fazer para além das diretrizes traçadas pelos organismos internacionais, podendo implicar um compromisso diferenciado no aprendizado e no exercício profissional. Este saber (fazer) implica a junção teoria-prática e, principalmente, a capacidade de aplicar conhecimentos em novas situações da vida profissional (2019, pp.9).

Para a formação completa dos profissionais é importante buscar atividades pedagógicas que sejam mais eficientes e eficazes para colaborar com a aprendizagem dos alunos e conseqüentemente melhorar a qualidade dos cursos de graduação. As aulas práticas podem ser um dos caminhos para atingir este objetivo.

### **3 METODOLOGIA**

A pesquisa é de natureza exploratória e descritiva com abordagens qualitativas e quantitativas. Utiliza levantamento bibliográfico, na literatura da área, e documental, no arquivo da Escola de Arquivologia da UNIRIO e em materiais de aulas. Entre as técnicas de coletas de dados estão a observação e questionários. O universo estudado incluiu alunos e ex-alunos do curso, professores do curso, além de coordenadores e diretores.

O referencial teórico é baseado em alguns autores que trabalham as questões de formação de profissionais para exercer a profissão de arquivista, por exemplo a professora Heloisa Bellotto (1991, 2004, 2014) Couture, Martineau e Ducharme (1999), Jardim (1999), Mariz (2012), Matos (1999), entre outros. Entre os autores da Arquivologia que se dedicam ao tema de formação profissional e formação do arquivista, alguns destes autores mencionam as aulas práticas ao tratar de outros assuntos sem, porém, aprofundar o tema.

A literatura sobre aulas práticas na formação de arquivistas é escassa. Em busca na base de dados BRAPCI, usando o termo aulas práticas, o resultado foi de 88 textos, porém a maioria na área da biblioteconomia, muitos em relação à estudos de usuários, estágio supervisionado e formação de professores. Apenas um sobre uma experiência de aula prática na disciplina de Introdução à Técnica de Fotografia ministrada para a primeira turma do Curso de Arquivologia da Universidade Federal do Rio Grande. Ao fazer a busca incluindo o termo arquivologia (aulas práticas arquivologia) o resultado foi de 6 textos, um deles o mesmo que apareceu na busca anterior. Os outros eram: dois sobre experiências de estágio, um sobre formação de servidores, um sobre ambiente de ensino virtual e um sobre práticas docentes de ensino.

Ao buscar aulas práticas no Google acadêmico, a maioria dos resultados é em relação às aulas práticas e de laboratório nas áreas de ciências, biologia, química, enfermagem, entre outras da área da saúde. Ao

refinar a busca para ciências sociais aplicadas, são encontrados alguns textos, principalmente para a administração, não foi visto nenhum na área da Arquivologia. Quando acrescentamos arquivologia na busca (aulas práticas arquivologia) aparecem muitos textos relacionados a estágios supervisionados e alguns outros textos que não se referem ao tema específico: aulas práticas na Arquivologia.

Foi realizada uma pesquisa documental nos arquivos da Escola de Arquivologia e nos materiais de aulas dos semestres de 2023.1 e 2022.2, o que foi útil para complementar informações.

A etapa quantitativa foi desenvolvida com a aplicação de uma enquete que utilizou a Escala de Likert de 5 pontos e resultou em um questionário com nove variáveis assim distribuídas: cinco variáveis buscam verificar a opinião do respondente sobre aspectos da disciplina como a carga horária, o período indicado, conteúdo e proposta da disciplina. Duas buscam verificar a opinião sobre a importância da disciplina no curso e duas sobre como foi a experiência, caso o respondente já

#### 4 RESULTADOS

A Reforma Curricular de 1991, que instituiu a disciplina em tela, trouxe mudanças significativas para o Curso, uma delas foi o aumento da carga horária prática do curso, ao introduzir a disciplina de OPA, uma disciplina obrigatória, pensada para ser ministrada em laboratórios, dando oportunidade de aplicar o que é aprendido nas aulas teóricas do curso. Outros benefícios da disciplina são desenvolver capacidade de liderança, de trabalho em equipe, em uma realidade diferenciada dos estágios supervisionados, já que não existe a figura do supervisor institucional. O aluno é avaliado pela parte técnica do trabalho em si, mas também pela sua atuação no grupo, cooperação, liderança, participação, assiduidade, entre outros aspectos.

Para analisar a experiência de ensino alcançada por esta disciplina, um dos recursos

tenha cursado a disciplina. Para analisar os dados quantitativos foram empregados os softwares *Google Forms* para a tabulação dos dados.

Foram elaborados dois questionários, um para verificar a visão dos discentes e o outro para verificar a visão dos docentes. As respostas não foram identificadas e havia espaço para indicar se o respondente está cursando a graduação ou se não cursa mais, independentemente de ter se formado ou não (aluno ou ex-aluno), também foi perguntado se já cursou a disciplina, em caso positivo, era direcionado para as perguntas sobre a sua experiência. O questionário dos docentes era similar, também foi perguntado se ministrou a disciplina ou não, com perguntas em seguida sobre a própria experiência. Ao final das perguntas elaboradas a partir da Escala de Likert, foi aberto um espaço livre para considerações. Os questionários foram divulgados em redes sociais e enviados por e-mail, ficaram disponíveis para respostas entre os dias 01 e 08 de setembro de 2023.

utilizados foi o questionário respondido pelos corpos docente e discente do Curso de Arquivologia da UNIRIO, cujos resultados são apresentados a seguir.

O questionário direcionado aos professores obteve 12 respostas, das quais dez (83%) eram de professores na ativa e dois (17%) de professores que não estão atualmente no curso, mas já ministraram a disciplina. A partir da pesquisa documental no acervo da Escola, pôde-se constatar que a totalidade dos professores ministrantes respondeu à pesquisa.

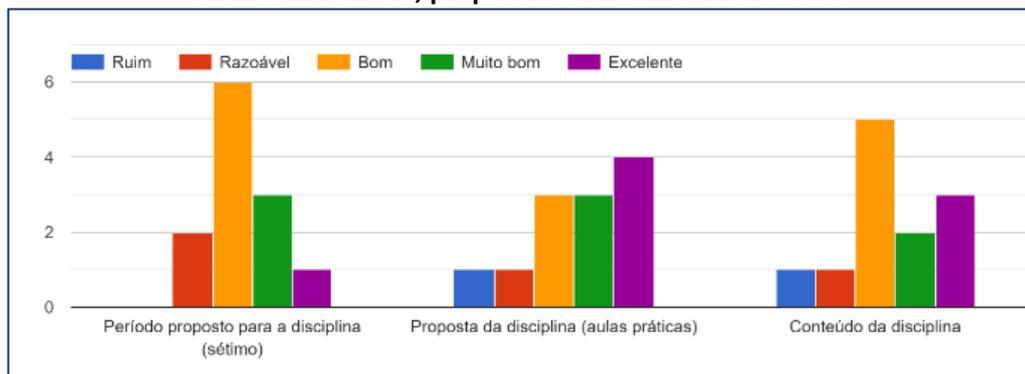
Como mencionado, a disciplina já teve duas configurações, desmembrada em duas (OPA I e OPA II) de 1991 a 2006 e como apenas uma (OPA) de 2007 em diante. Sobre esta diferença de carga horária, foi pedido para

avaliar entre ruim e excelente para cada um dos dois formatos.

Para a carga horária da primeira configuração, com duas disciplinas, quatro respondentes consideraram entre ruim e razoável, quatro consideraram bom, e quatro consideraram entre muito bom e excelente. Quanto à carga horária da segunda configuração, com apenas uma disciplina, três respondentes consideraram entre ruim e razoável, quatro bom, e cinco entre muito bom e excelente.

Em seguida foi solicitado que avaliassem o período indicado, a proposta da disciplina e o conteúdo. Dez professores consideraram o período proposto (sétimo) entre bom e excelente, predominando o bom, com seis respostas. Sobre a proposta da disciplina também foram dez respostas entre bom e excelente, porém predominando o excelente com quatro respostas. Sobre o conteúdo da disciplina, também foram dez respostas entre bom e excelente, predominando o bom, com cinco respostas. Como pode ser visto nos gráficos a seguir:

**Gráfico 1: Período, proposta e conteúdo - Professores**

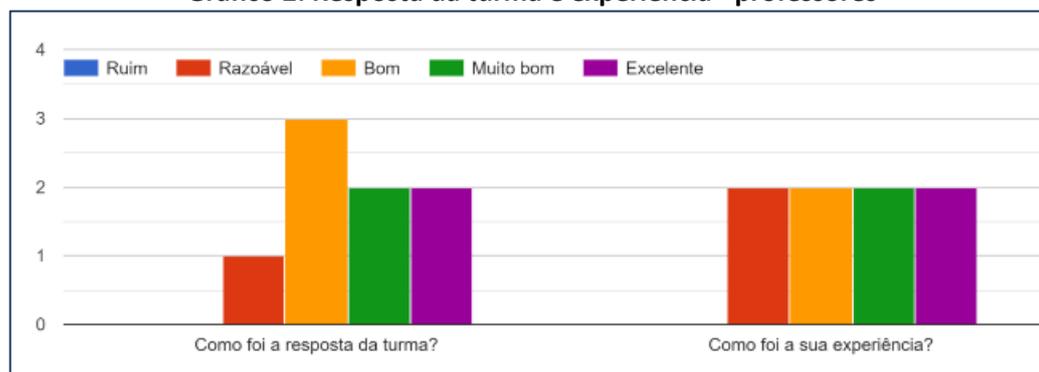


Fonte: Elaboração própria (2023).

Foi perguntado se o professor já ministrou a disciplina. Dentre os professores respondentes, quatro (33%) nunca ministraram a disciplina e oito (67%) já ministraram. Em caso positivo, havia perguntas sobre a experiência. Em primeiro lugar quando foi, e as respostas variaram entre 2001 e 2023. E em seguida como foi a resposta da turma e a experiência do

professor. Sobre a resposta da turma, sete ficaram entre bom e excelente. Sobre como foi a experiência, as respostas foram bem equilibradas: dois para razoável, dois para bom, dois para muito bom e dois para excelente. Não tendo sido registrado, em ambos os casos, resposta considerando ruim. As respostas podem ser vistas nos gráficos a seguir:

**Gráfico 2: Resposta da turma e experiência - professores**



Fonte: Elaboração própria (2023).

Para todos os professores, ministrantes ou não, em seguida foi perguntado sobre a avaliação em relação à importância da disciplina na formação dos arquivistas.

A primeira pergunta era para avaliar se a disciplina de OPA contribui com a formação do arquivista, ao que nove responderam que concordam totalmente e três responderam que concordam. A segunda pergunta era sobre considerar a disciplina necessária no currículo da arquivologia, quando dez responderam que concordam totalmente e dois responderam que concordam. Para estas duas perguntas a totalidade das respostas ficaram entre concordam totalmente e concordam, o que é altamente positivo.

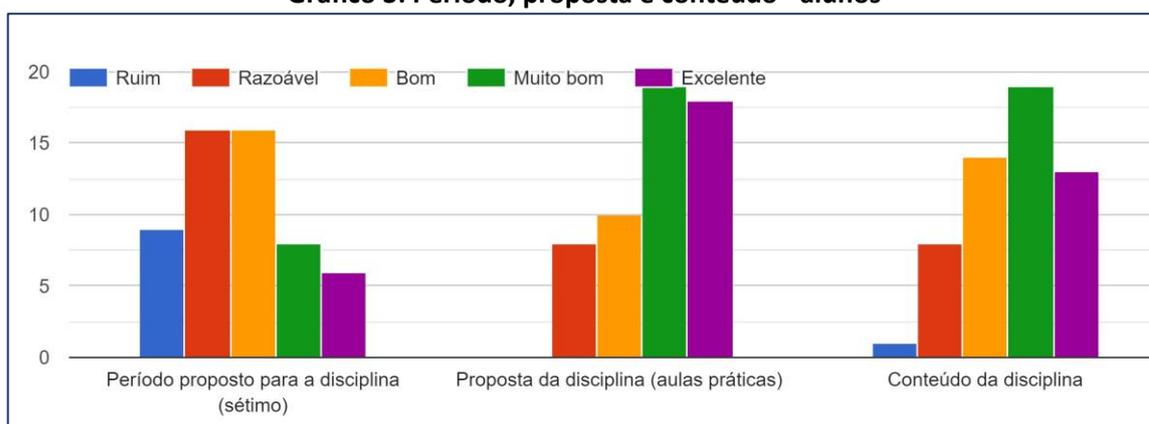
O questionário direcionado aos alunos e ex-alunos obteve 55 respostas, das quais 41 (74,5%) de ex-alunos e 14 (25,5%) de alunos atuais. Sobre a carga horária da disciplina no currículo anterior 26 respostas consideraram entre muito bom e excelente. 19 consideraram bom e 10 entre razoável e ruim. Na carga

horária do currículo atual 12 consideraram entre muito bom e excelente, 13 consideraram bom e 30 entre razoável e ruim.

Ao analisar os resultados, comparando com as observações que foram incluídas ao final do questionário, pode-se perceber que os alunos consideram pouca a carga horária desta configuração atual do currículo.

Em relação ao bloco que avalia o período indicado, a proposta da disciplina e o conteúdo, quatorze respondentes consideraram o período proposto (sétimo) entre bom e excelente, dezesseis consideram bom, e vinte e cinco entre razoável e ruim. Sobre a proposta da disciplina foram trinta e sete respostas entre bom e excelente, dez respostas considerando bom e oito achando razoável. Sobre o conteúdo da disciplina, foram trinta e duas respostas entre bom e excelente, quatorze considerando bom, e nove entre razoável e ruim. Como pode-se ver nos gráficos abaixo:

**Gráfico 3: Período, proposta e conteúdo - alunos**



Fonte: Elaboração própria (2023).

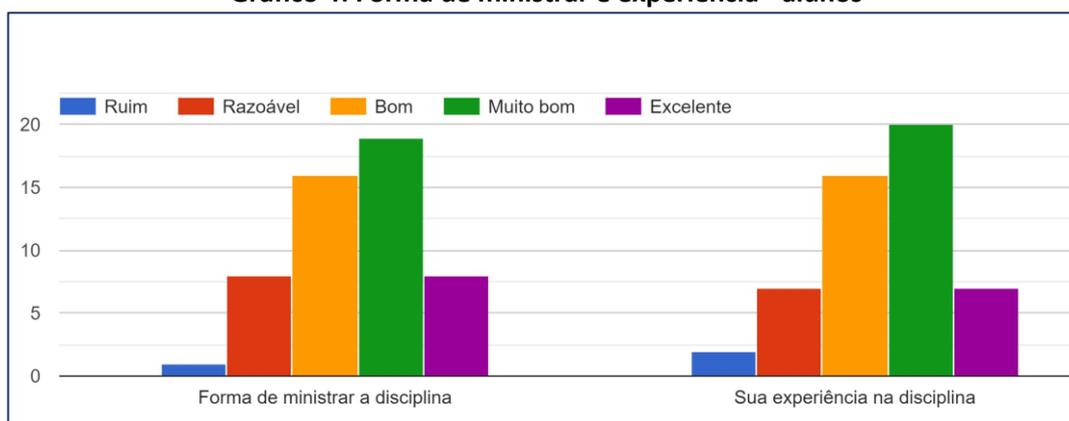
Dentre os representantes do corpo discente que responderam, três (5,5%) ainda não cursaram a disciplina e 52 (94,5%) já cursaram. Para os que cursaram foram feitas perguntas sobre a experiência. Em primeiro lugar a época, quando as respostas variaram

entre 2001 e 2023, com frequências maiores em 2001 (13,5%), 2022 (11,5%) e 2023 (15,4%). Em seguida, a opinião dos alunos sobre a forma como a disciplina foi ministrada e como foi a experiência do aluno na disciplina. Sobre a opinião em relação a como foi ministrada, 27

consideraram entre bom e excelente, dezesseis consideraram bom e nove entre razoável e ruim. Sobre a experiência com a disciplina 27

consideraram entre bom e excelente, 16 bom e 9 entre razoável e ruim. As respostas estão nos gráficos a seguir:

**Gráfico 4: Forma de ministrar e experiência - alunos**



Fonte: Elaboração própria (2023).

Para todos os discentes, entre os que já cursaram a disciplina ou não, foi em seguida perguntado sobre a avaliação em relação à importância da disciplina na formação dos arquivistas.

A primeira pergunta era sobre considerar que a disciplina de OPA contribui para a formação do arquivista, quarenta responderam que concordam totalmente, doze responderam que concordam e três neutros. A segunda pergunta era sobre considerar a disciplina necessária no currículo da arquivologia, quando quarenta e oito responderam que concordam totalmente e sete responderam que concordam. Para ambas as perguntas não houve respostas negativas.

No que se refere à importância da disciplina no currículo, os pesquisados, tanto na categoria de docentes quanto na de discentes foram unânimes em considerar a importância da disciplina para a formação do arquivista. Em ambas as perguntas não houve discordância neste aspecto.

Ao final do questionário, foi deixado um espaço para, caso o respondente quisesse, pudesse expressar a sua opinião livremente, sobre a disciplina e/ou a pesquisa em realizada.

Entre os docentes foi apontado que as aulas devem ser ministradas em ambiente de arquivo, e que deve haver interação com o Arquivo Central da UNIRIO; que devem ser diversificados os acervos para as aulas, para propiciar experiências diversas, tendo sido citados documentos visuais e sonoros; devem ser reavaliadas sempre a carga horária e os períodos, visando constante atualização; foi mencionado também que a experiência do professor em organização de arquivos é fundamental para o aprendizado dos alunos; e que a Universidade não possui instalações adequadas, equipamentos e sistemas informatizados para a prática dos alunos de forma satisfatória, pois estão defasadas em relação ao que o aluno encontra nos estágios e empresas.

Entre os alunos houve várias sugestões: o tratamento de outros arquivos, por exemplo os digitais; que seja ministrada no Arquivo Central; que tenha outros conteúdos como técnicas de acondicionamento, escolha de mobiliários, etc.; que seja oferecida antes do sétimo período; seja oferecida em mais de um semestre – OPA I e II, ou III; tenha maior carga horária; seja oferecida a partir do quarto período e em cada semestre uma abordagem diferente até o sétimo ou oitavo; tenha poucos

alunos; incluía análise de casos; tenha empresas parceiras que possam ceder material e espaço para aulas; que sejam feitos convênios; que incluía palestras sobre diferentes acervos. Além de alguns comentários, tais como: é uma disciplina importante porque tem a prática assistida pelos professores; é essencial.

Outro material analisado foi o conjunto de avaliações que os alunos respondem ao final do período letivo, após cursar a disciplina. Nas respostas fica claro o aproveitamento dos alunos em alguns trechos, como a seguir:

- [...] foi muito interessante aprender coisas novas como a própria LED (Listagem de Eliminação de documentos) que eu não fazia ideia de como era feita, também a forma de medição dos documentos dentro das caixas de arquivo;
- [...] creio que deveriam existir outras matérias com uma abordagem prática no meio arquivístico porque isso enriquece o estudante;
- [...] com as aulas práticas [...] acabamos tendo um entendimento maior do que está sendo proposto e ensinado.
- aulas bem práticas que nos deram oportunidades de discussões e revisão de conteúdos;
- [...] principalmente pelo fato de ter sido restritamente realizadas com atividades práticas, o que tornou muito interessante e dinâmica, assim como o fato de a turma ser pequena, o que facilitou uma melhor interação entre o grupo;
- [...] além de reafirmar a importância de uma disciplina prática para formar de maneira mais completa e fazer com que seja possível o aluno sair da Universidade tendo vivenciado sob o olhar de um professor a execução de sua profissão;
- [...] reafirmo a importância da disciplina para a formação dos graduandos. Para mim em particular, foi o que faltava para que eu realmente tivesse a segurança que serei capaz de atuar após minha formação;
- [...] acho vital disciplinas práticas como OPA e fico triste de só ter tido uma disciplina prática quando já estou perto de me formar na faculdade. Creio que deveriam existir outras matérias com uma abordagem prática no meio arquivístico porque isso enriquece o estudante de uma forma magnífica;
- Foi uma ótima matéria, muitos alunos não têm chance de ter contato com esse tipo de atividade até depois de formados, então é importante essa noção prática de organização, de serem capazes de entender como realizar a tarefa, pesquisar os códigos e mesmo outras atividades, que talvez para alguém experiente na área, possam parecer simples, mas que para muitos alunos são novidade, como o cálculo de metros de documentos;
- Sem sombra de dúvidas a melhor disciplina que já cursei, estava super ansiosa para enfim ter a oportunidade de aplicar o conhecimento teórico na prática. Não posso falar pelos outros alunos, mas eu estava sedenta para sair um pouco da curva. [...] Eu fazia questão de não perder nenhuma aula, pois tinha plena consciência de que o conteúdo a ser absorvido era de extrema importância e poderia facilmente se tratar de uma oportunidade única;
- A participação na disciplina gerou reflexão a respeito das boas práticas no manuseio do acervo além de agregar sobre o processo de classificação utilizando um

*instrumento apropriado. Acredito que foi proveitoso o tempo na disciplina, pois foi possível vivenciar a prática supervisionada e orientada que até então não havia sido tão esclarecedora.*

- *A dinâmica das aulas e da disciplina foi oportuna e proveitosa. Acredito que o formato deve ser mantido;*
- *Com a disciplina de OPA, tive a oportunidade de compreender, empiricamente, atividades arquivísticas que só tinha tido contato no campo teórico, como aplicabilidade da tabela de temporalidade, compreensão de códigos de classificação e arquivamento em documentos de arquivos na fase intermediária. Foi possível compreender melhor essas funções visualizando e manipulando esses documentos durante as aulas. Consegui participar das atividades propostas nas aulas práticas e nas atividades de forma satisfatória e procurei absorver o máximo da abordagem pedagógica aplicada pela professora;*
- *A disciplina de OPA foi muito bem administrada no propósito de que o discente possa ter contato prático com massa documental, com a aplicação dos instrumentos de gestão de documentos (classificação e avaliação) e com um ambiente de arquivo propriamente. [...] A disciplina é muito rica, de modo que se pode pretender ser estendida para OPA-II ou similar;*
- *Sugiro a aplicação da disciplina de Opa também em acervos digitais, audiovisuais e iconográficos, para que os discentes possam ter contato prático com esses tipos de arquivos do mesmo modo que tivemos com os arquivos analógicos textuais trabalhados nessa turma.*

Um dos alunos chama a atenção para a importância de o trabalho do arquivista ser feito de maneira adequada:

- *[...] o trabalho indevido do arquivista pode resultar na guarda desnecessária de documentos que já tiveram o prazo de guarda vencidos ou pior, pode acarretar na eliminação indevida de documentos, assim como a maneira que se organiza os documentos resulta diretamente na facilidade de localizá-los quando surgir a necessidade de pesquisa.*

E vemos também uma opinião sobre a importância da disciplina no currículo da graduação:

- *Vivenciar a disciplina de Organização Prática de Arquivos foi uma experiência enriquecedora visto que no meu caso em específico, estou prestes a me formar e ainda não havia experienciado todas as etapas que pude experimentar na disciplina. Foi muito importante tratar a documentação desde a identificação do conteúdo das caixas, o uso do plano de classificação e da tabela de temporalidade foi de muito valor visto que foi a primeira vez que realmente pude aplicar em documentos reais esses instrumentos que tanto ouvimos falar durante toda a graduação e se não houvesse esta disciplina, correria o risco de alguns alunos se formarem sem esse contato direto com a tabela de temporalidade e o plano de classificação.*

A maioria das respostas aos questionários foi muito positiva, os pontos em que a avaliação apontou para dados negativos foi em relação à carga horária e ao período proposto. Entre os alunos a visão mais negativa

ficou na carga horária atual, o que, somado aos outros dados da pesquisa, leva a concluir que consideram pouca carga horária e que deveria ser oferecida em algum período anterior. Já entre os docentes a avaliação negativa esteve mais na carga horária anterior, com as duas disciplinas.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve, como objetivo geral, analisar a experiência de ensino alcançada por meio da disciplina Organização Prática de Arquivo, ministrada no Curso de graduação em Arquivologia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro desde 1991. Para alcançar este objetivo, o estudo foi realizado analisando a literatura a respeito, aplicando um questionário e analisando documentos.

Os autores que tratam da formação dos arquivistas apontam para a importância de as atividades práticas serem inseridas no currículo da graduação, não apenas nas atividades de estágio supervisionado.

O conteúdo da disciplina analisada difere dos estágios curriculares em alguns pontos: - no estágio o aluno na maior parte das vezes não tem a oportunidade de participar de um processo completo de organização de um acervo, normalmente ele se insere em uma atividade que já vem acontecendo anteriormente e vai continuar após a sua saída; no estágio o aluno deve seguir as orientações da instituição. Na disciplina os alunos devem tomar as decisões em conjunto e o professor acompanha e supervisiona, intervindo se necessário.

## 6 REFERÊNCIAS

Bellotto, H. L. (2014). Arquivo: estudos e reflexões. Editora UFMG.

Couture, C.; Martineau, J.; Ducharme, D. (1999). A formação e a pesquisa em arquivística no mundo contemporâneo. FINATEC.

A análise das respostas dos questionários, somada às avaliações da disciplina e à literatura da área permitem constatar a importância da disciplina de OPA para a formação dos arquivistas na UNIRIO.

Ao comparar os resultados dos diferentes métodos utilizados, pode-se concluir que a importância da disciplina não é questionada. Fica evidente, tanto nas respostas aos questionários quanto nas avaliações feitas pelos alunos ao final da disciplina que tanto docentes quanto discentes reconhecem o valor da disciplina para a formação dos alunos. Foram registradas críticas e aspirações de melhorias, o que também é um ponto positivo, uma vez que feitas no sentido de melhorar a experiência para todos os envolvidos. As críticas são principalmente no que se refere à carga horária, que, especialmente o corpo discente, considera que deveria ser maior. Sobre o período indicado para cursá-la, os discentes também indicam que poderia ser em períodos anteriores.

A experiência vem apresentando benefícios desde que a disciplina de OPA passou a fazer parte do currículo da graduação em Arquivologia. A investigação realizada, a partir do cruzamento dos dados obtidos com as respostas dos questionários, somada às avaliações da disciplina e à literatura da área propiciam que se reconheça a importância da disciplina de OPA para a formação dos arquivistas na UNIRIO.

Jardim, J. M. (1999). A universidade e o ensino da Arquivologia no Brasil. In Jardim, J. M. & Fonseca, M. O. (Org.), A formação do arquivista no Brasil (pp. 31-51). EDUFF.

Mariz, A. C. A. (2012). Reformas curriculares do curso de Arquivologia da UNIRIO: reflexões e propostas. In Venancio, R. &

Nascimento, A. (Org.), *Universidades & Arquivos: gestão, ensino e pesquisa*. (pp. 189-222). Escola de Ciência da Informação da UFMG.

Masetto, Marcos T. (2009). Formação pedagógica dos docentes do ensino superior. *Revista Brasileira de Docência, Ensino e Pesquisa em Administração*, 1(2) esp., 04-25. ISSN 1984-5294.

Masetto, Marcos T. (2001). Atividades pedagógicas no cotidiano da sala de aula universitária: reflexões e sugestões práticas. In Castanho, Sérgio & Castanho, Maria Eugênia (orgs.) *Temas e textos em metodologia do ensino superior*. (pp. 83-102). Papirus.

Matos, M. T. N. B. (1999). O ensino universitário de Arquivologia no Brasil. In Jardim, J. M. & Fonseca, M. O. (Org.), *A formação do arquivista no Brasil* (pp. 53-86). EDUFF.

Santana, Clarissa A., Velasco, Miriam N. M., Pires, Regina C. M. (2019). Olhares docentes sobre o método de casos como estratégia pedagógica nas ciências sociais aplicadas. *Revista Formadores - Vivências e Estudos*, 12(1), 6-27.

Sousa, R. T. B. (1999). O papel do estágio na formação profissional do arquivista: a experiência do curso de Arquivologia da Universidade de Brasília. In Jardim, J. M. & Fonseca, M. O. (Org.), *A formação do arquivista no Brasil* (pp. 167-180). EDUFF.